

Um Número

de Caryl Churchill

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Culturgest

TEATRO 19, 20, 21, 22, 24 E 25 DE MAIO

21h30 · 17h00 (dia 22) · Pequeno Auditório · Duração aproximada 1h15, sem intervalo

Um espectáculo da ASSÉDIO

Autora Caryl Churchill (*A Number*, 2002) **Tradução** Paulo Eduardo Carvalho **Encenação** João Pedro Vaz

Cenografia Sissa Afonso **Figurinos** Bernardo Monteiro **Desenho de luz** Nuno Meira **Sonoplastia** Francisco Leal

Interpretação João Cardoso (Salter) e João Pedro Vaz (Bernard Um, Bernard Dois e Michael Black)

Co-produção Assédio e Culturgest **Construção do cenário** Tudo Faço **Fotografia de cena** Ana Pereira

Assistência de produção Cláudia Pim **Direcção de produção** Rosa Quiroga

Em paralelo

21 de Maio · 18h30 · Pequeno Auditório

Leitura encenada de *Distante* de Caryl Churchill por Alexandra Gabriel, Paulo Freixinho e Rosa Quiroga, com vídeo de Alexandre Azinheira, direcção de João Cardoso e Tradução de Paulo Eduardo Carvalho.

Lançamento da tradução de *Um número* com Paulo Eduardo Carvalho e Fernanda Lapa (assédio édíssao).



A sinopse da relação entre pai e filho

João Pedro Vaz

– *A única história de amor que me comove é do Rei Lear: a de um pai com os seus filhos. / – E nisso você está bem resguardado. Nada de filhos, nada de tragédias.*

Violência e paixão, Luchino Visconti

1. Paulo Eduardo Carvalho (PEC), na primeira leitura, fala do “efeito hipnótico” que o espectáculo deveria provocar: “os olhos mergulhados na expectativa do que vai acontecer”. Usam-se também os termos “ficção científica” e “ficção policial” – eu acrescentaria “ficção humana”. Não acho que a peça seja sobre clonagem ou sobre os perigos da ciência; a clonagem é apenas uma espécie de terreno ficcional para propor um confronto conosco próprios – um filho e um pai são também imagens um do outro.

2. sobre os filhos: o bom, o mau e o feliz

(...) a razão / serve, de facto, para decifrar os enigmas... / Mas o teu filho (...) / não é nenhum enigma / O teu filho é um mistério.

Afabulação, Pier Paolo Pasolini

Um trabalho virtuoso e de minúcia – PEC lembra Jeremy Irons em *Irmãos inseparáveis*, de Cronenberg (ainda não consegui rever o filme). Eu diria minúcia e virtuosismo emotivo: pareceu-me a certa altura que resolvia a diferença por fundamentalmente sentir mesmo coisas diversas – o próprio pai diz que distingue os filhos pelo modo como eles o olham.

Começo por reverter as imagens para mim próprio e para a minha “emoção”; lá mais ao fundo, chegarei a “personagens”

diferentes. A esta apropriação emotiva acrescentam-se mecânicas de “composição” (gestos, traços característicos, voz?, atitude física) que resultam mais de uma espécie de vigia pessoal e que a equipa criativa vai comentando.

Na aparente simplicidade da “encenação”, a qualidade de apropriação do espaço é diferente para cada um deles: Bernard 2 (o “bom”) aproxima-se e afasta-se com facilidade, é orgânico na relação espacial; Bernard 1 (o “mau”) é um predador, posiciona-se deliberada e estrategicamente.

Já a propósito da cena 5, lembrei-me da cena final do espectáculo *Afabulação*, do Teatro da Cornucópia: o espaço ficava enorme, a luz era “feia” e o espaço organizado da casa do pai rompia para uma estação de comboios desoladora.

No nosso espectáculo, até à cena 4 o espaço é a “sala” do pai, na cena 5 é também o “estado” dele. Michael, por sua vez, é o “cromo” feliz – chega a ser ligeiramente comovente. É também uma visita: o pai traz-lhe uma cadeira, bebem um copo, não há qualquer afinidade, é terrível. E pior do que tudo, este é feliz.

3. sobre o pai

– grande personagem romântico (?) que evolui, atormentado com um passado – que veste um casaco de andar por casa como o Burt Lancaster no *Violência e paixão*, do Visconti (lembração PEC).

É engraçado como o pai e os filhos parecem vir de tipos de teatro diferentes: o pai ancorado nos grandes personagens teatrais desde Ibsen (outra achega PEC), os filhos numa espécie de trama sofisticada mais cerebral.

A construção do pai repousa no próprio João Cardoso e nas suas imagens interiores – não podia deixar de ser assim: a minha função é só a do estímulo e da influência, até pela contracena (seja lá o que for que isso significa) – a certa altura damos por

nós a “combinar” coisas, como se o encenador tivesse abandonado o trabalho: construo os filhos, ele comenta, reagimos emotivamente um ao outro, repetimos muito, muito mesmo, fomos acertando e vai ficando assim.

Como cada vez menos me interessam os “conceitos” e mais as emoções, tem sido um belíssimo processo de trabalho.

– É verdade que, para o meu filho, sou pai. / Mas para mim próprio sou um filho. / – Pois é, deve haver um avô, em qualquer sítio.

Afabulação, Pier Paolo Pasolini

Junho 2004/Fevereiro 2005

Mais um João Cardoso

Depois de *Distante*, em Julho de 2002, este é o segundo texto da dramaturga inglesa Caryl Churchill que a ASSÉDIO oferece aos seus espectadores. Como produtores, interessa-nos fazer chegar ao nosso público ficções dramáticas que reflectam universos pessoais, mas que possamos incluir na análise de situações mais gerais e ligadas às nossas reflexões comuns. Ficções que nos seduzam e interroguem, nas quais acreditemos como desafios à nossa própria imaginação cénica. A definição progressiva de um repertório – gesto primeiro da nossa actuação desde 1998 –, expressivo das nossas inquietações e articulável com os constrangimentos financeiros e logísticos que continuamos a enfrentar, continua a ser uma das nossas principais preocupações.

Como criadores, continuamos a atribuir uma decisiva importância ao trabalho do actor e às contribuições que cada um dos colaboradores envolvidos pode dar ao sentido final da obra. Não menos importante surge a Culturgest como co-produtora e cúmplice deste espectáculo a quem muito agradecemos.

Assim, como é nosso hábito, este *Um número* foi construído em efectivo diálogo com todos os criativos, desde a tradução à cenografia, figurinos, luz, som, interpretação e encenação. O espectáculo não se oferece, contudo, como uma simples soma de opiniões, mas antes como o resultado de uma série de operações coordenadas pelo encenador, “imaginador” primeiro de mais uma aventura cénica, mais um espectáculo.

O prazer das formas: Um número, de Caryl Churchill

Paulo Eduardo Carvalho

Gosto da forma das coisas. Gosto de encontrar a forma que melhor parece acomodar aquilo de que estou a falar. Não é que me esforce por encontrar uma forma bizarra de escrever. E, seguramente, não acho que se deva forçar a escrita. Mas, habitualmente, gosto de peças que não sejam naturalistas e não aconteçam em tempo real.

Caryl Churchill

O teatro é, tem de ser, essencialmente prazer. Por mais dilacerantes que sejam as ficções dramáticas, por mais indignadas que sejam as motivações interpeladoras, por mais difíceis que, repetidamente, se revelem as condições do seu exercício, a experiência teatral é, tem de ser, um acontecimento altamente celebratório. Por mais cerebrais que sejam os mecanismos subjacentes à sua elaboração, por mais tecnicamente mediatizados que se pretendam os seus recursos expressivos, por mais exigentes que se mostrem as condições da sua comunicação efectiva, há no teatro um sentido de comunidade, associado às modalidades de presentificação e de partilha do acto criativo, que não lhe pode ser subtraído, sob risco de se praticar um teatro morto. E teatro morto é a mais violenta e insuportável das contradições da nossa humana condição, é a expressão mesma da ausência inelutável do prazer. E quando aqui se fala de “prazer” não se está a fazer uma qualquer superficial reclamação hedonista, mas tão só – tão só mais ambiciosamente – a formular um apelo, tão ético como terapêutico, a uma conjugação rara de sentidos e entendimentos, daquelas que redimem,

ainda que de “forma” sempre provisória, as dúvidas que mais frequentemente assaltam os nossos dias.

Mas fala-se também aqui daquele prazer que resulta do encontro com “formas” que cruzam a tradição – o que conhecemos, ou devemos conhecer – com a inovação – o que ansiamos conhecer –, seduzindo criadores e espectadores para envoltórios exploratórios. A qualidade dos chamados “clássicos” assenta justamente no facto de se apresentarem como formas infinitamente revisitáveis, mais do que na sua pretensa capacidade de continuarem a falar para todos os tempos e lugares. E é também dessa qualidade combinada de sedução e desafio que se deve revestir qualquer texto “contemporâneo”, apresente-se ele como mais ou menos capaz de activar um diálogo com as experiências do passado, mais ou menos apostado na interpelação criativa do presente ou na abertura imprevista de novos horizontes à prática futura.

Talvez esta improvisada reflexão resulte como deslocada para o leitor ou para o espectador mais exigente, mas serve-me, a mim, para introduzir um breve apontamento sobre Caryl Churchill e o seu mais recente texto para teatro. Precisamente porque a prática criativa desta já sexagenária dramaturga britânica representa, para mim, uma das mais literalmente “excitantes” aventuras dramáticas do nosso tempo. Não só porque no “coração” de muitos dos seus textos se encontra uma espécie de exploração de “desejos” utópicos, no sentido em que parecem exceder sempre as possibilidades humanas organizadas, mas sobretudo porque Churchill sempre soube combinar, como poucos artistas durante tão longa carreira o conseguem fazer, uma atenção social e humana com um sentido raro de experimentação formal.

Claro que poderia invocar aqui as diversas oportunidades que o público português já teve de ver espectáculos baseados

em textos dramáticos de Caryl Churchill, referindo os títulos de *Top Girls*, *Sétimo céu*, *Uma boca cheia de pássaros*, *Blue Heart*, *Três noites sem dormir* e até mesmo *Distante*, que a ASSÉDIO produziu em 2002. (Veja-se, contudo, a nota sobre “Caryl Churchill em Portugal”, incluída neste programa.) Mas a convocação presumida de uma tão indispensável “memória” do espectador seria um exercício injusto numa realidade cultural como a nossa em que as condições de apresentação, circulação e acesso aos espectáculos continuam a ser tratadas tão sem “prazer” nem imaginação.

Imaginação temática e formal é, justamente, aquilo de que se deve falar a propósito de Caryl Churchill, consequência, talvez, de uma outra dinâmica rara: a inquietação. Se há característica que durante mais de quatro décadas tem prejudicado a afirmação mais vasta desta dramaturga, essa será a imensa variedade da sua obra, facto que repetidamente impediu a mais fácil identificação de um “estilo” reconhecível, como, por exemplo, aquele que encontramos em Harold Pinter, um seu mais prestigiado contemporâneo. Estamos, na realidade, a falar de uma dramaturgia que oscila entre as mais épicas das soluções, as estratégias mais inesperadamente realistas ou as rupturas mais surpreendentemente teatrais, apoiada em estruturas tendencialmente episódicas, capazes de jogos audaciosos com as categorias dramáticas do tempo e da caracterização de personagens. Se a isto acrescentarmos experiências que à palavra justapuseram uma utilização exploratória da imagem, do espaço, do movimento e do som, através da convocação das linguagens da dança e da música, conseguiremos o vislumbre possível sobre um território dramático vastíssimo e em constante expansão, servido por uma atitude criativa invariavelmente lúdica, subversiva e imprevisível. Nenhuma peça de Churchill nos deixa confortados com algum tipo de visão sobre a natureza humana. Mas

também nenhuma das suas peças se coloca numa espécie de idiossincrático plano metafórico. As suas ficções lidam sempre com matérias e pessoas que nos são próximas; só o seu olhar e as suas interrogações, bem como as formas que escolhe para a partilha é que são, as mais das vezes, desafiadoras. Mas de um modo que se mostra, quase sempre, tão desafiador como fascinante.

Se a ASSÉDIO regressa agora a Churchill – depois da experiência frustrante, em termos de público e de (ausência de) crítica, que foi a carreira de *Distante* – tal não se deverá imputar unicamente aos perversos entendimentos que um qualquer tradutor obstinado possa ter do “prazer” teatral, mas ao mais alargado e partilhado fascínio que resultou desse primeiro – e, a nível criativo, muito feliz – contacto com este universo dramático. (Claro que tal recorrência se fica também a dever ao facto, com diversa dimensão de “felicidade”, de o texto que a seguir Churchill escreveu – refiro-me a este *Um número* – ser unicamente para dois actores, o que se ajusta aos recursos e à dimensão tímida, humilde e “obscura” que se quer manter para as novas estruturas de criação teatral em Portugal. Mas não era já Strehler que dizia que a elaboração de um repertório era simultaneamente uma questão artística, política e económica!?) Depois da ficção distópica de *Distante*, que podemos caracterizar como tematicamente inquietante e formalmente perturbadora – adjectivos que também não caem mal nesta continuada caracterização do prazer –, eis que, de súbito, a dramaturga nos propõe o regresso a uma ficção doméstica, em cinco breves cenas, que adopta como tópico moral a realidade próxima da clonagem humana, para daí partir para uma reflexão mais vasta sobre os contornos da identidade individual: “é muito difícil saber o que somos”.

Em cinco breves cenas, Salter (João Cardoso, neste espectáculo), um pai, confronta três dos seus filhos adultos (interpre-



tados por João Pedro Vaz): o selvagem, violento e ameaçador Bernard Um, entregue aos cuidados de uma instituição aos dois anos de idade, na sequência da morte da sua mãe; Bernard Dois, criado a partir das células de Bernard Um, e uma sua exacta cópia física, embora, em tudo o resto, a sua quase total antítese; e, ainda, Michael Black, “um” de um mais vasto número de outros filhos clonados, com quem ele também dialoga. O modo como cada um destes “filhos” reage à revelação da sua “repetição” e equaciona as modalidades da existência que se lhe oferece faz de *Um número* uma inesperada ficção sobre a realidade familiar do futuro face às implicações, mais afectivas do que éticas, provocadas pela vulgarização da clonagem. Mas como sugeria o encenador Stephen Daldry à data da estreia da peça em Londres, em Setembro de 2002, “a clonagem que motiva a peça não é a sua verdadeira preocupação. Eu acho que o tema da peça é a natureza do livre arbítrio: o que é o

livre arbítrio e em que medida é que ele é determinado pelo nosso património genético ou antes pelo ambiente em que crescemos. Mais simplesmente, é um conflito entre a natureza e a educação”.

As possibilidades teatrais abertas por esta ficção – habitada por três personagens, os três “filhos”, exactamente idênticos do ponto de vista genético, mas que ensaiam respostas diferentes à vida e aos dilemas que lhes são apresentados – são naturalmente imensas, desde logo pela espécie de abissal reflexo que lança sobre as modalidades da própria representação, nomeadamente nos domínios da voz, da atitude física, dos gestos, etc.: “se sou eu ali então quem sou eu?” O jogo de diferenças na semelhança que a peça propõe é, em si mesmo, uma espécie de síntese de algumas das equações que tão cruel ficção consegue lançar sobre um palco, deste modo interrogando a história e os componentes dessa coisa difusa sem a qual ninguém consegue passar, mas

que, igualmente, ninguém consegue objectivar, isto é, a identidade pessoal – “Tu és tu porque é isso que tu és” –, e a cadeia de argumentações com que a construímos, invocando episódios e incidentes, como quem, episodicamente, vai reconstruindo o sentido de um percurso e das opções que o integram.

Saudada pela crítica como “uma das primeiras grandes peças do século XXI”, *Um número* viria a receber, no ano seguinte, o prémio do *Evening Standard* para melhor peça da temporada, distinção justa, mas nem por isso menos surpreendente, para uma “aventureira formal” como Caryl Churchill. No obsessivo, mas discreto, rigor com que surgem inscritas na página as curvas melódicas e emocionais dos diálogos de cada um dos seus cinco movimentos, *Um número* poderia ser uma peça musical para dois instrumentos, talvez um violoncelo e um violino; uma daquelas peças em que ao violoncelo cabe a repetição de um conjunto de temas e umas escassas, mas decisivas, variações e ao violino a expressão mais vinculada de diferentes atmosferas, *tempi* e intensidades. É no desenho de cada uma das cenas e na sofisticada simplicidade dos seus diálogos que a dramaturga desafia, mais uma vez, as fronteiras daquilo que entendemos por teatro, ampliando as possibilidades expressivas da própria linguagem cénica, num movimento duplo de apelo ao passado dramático – como alguém sugeriu, este pai, Salter, é comparável a muitos dos protagonistas moralmente torturados de Ibsen – e de experimentação de novas formas de contar uma história em cena. Os efeitos de penetração psicológica proporcionados pela ficção são produtivamente articulados por um registo dialogal que se impõe como imagem das próprias fracturas que atravessam cada uma das personagens: “eu não me sinto eu próprio”.

Mais uma vez, o prazer de todos os criadores envolvidos na figuração teatral de um

texto como este *Um número* – do tradutor aos seus intérpretes, do encenador, cenógrafa e figurinista ao desenhador de luzes e ao sonoplasta – está em responder ao irresistível fascínio exercido por uma paisagem dramática que se percorre como quem não sabe ainda bem o que vai encontrar. O que é exercício raro, mas indispensável, para continuar a experiência partilhada de fazer e de ver teatro, com prazer.

CARYL CHURCHILL EM PORTUGAL

1993

Top Girls (*Top Girls*, 1982), versão de Melim Teixeira, encenação de Fernanda Lapa, cenário e figurinos de Juan Soutullo, luz de Melim Teixeira e interpretação de Ângela Pinto, Cristina Carvalhal, Elsa Galvão, Irene Cruz, Maria Henrique, Paula Fonseca e Sofia de Portugal, produção Novo Grupo / Teatro Aberto, Agosto.

1997

Sétimo céu (*Cloud Nine*, 1979), tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de Fernanda Lapa, cenografia de Ana Vaz, figurinos de Maria Gonzaga, música original e banda sonora de João Lucas, movimento de Marta Lapa, desenho de luz de Isabel Aboim, esculturas de cena de Carlos Matos e interpretação de António Cordeiro, Isabel Medina, Luís Castro, Maria Henrique, Paula Mora, Ricardo Carriço, Rogério Samora, co-produção Escola de Mulheres e TNDMII, Teatro Villaret, Lisboa, e Auditório Nacional Carlos Alberto, Porto, estreia 14 Novembro.

1998

Uma boca cheia de pássaros (*A Mouthful of Birds*, 1986), tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de Fernanda Lapa e Francisco Camacho, cenografia de Ana Vaz, figurinos de Maria Gonzaga, desenho de luz de Daniel Worm d'Assumpção, música de Carlos Zíngaro e interpretação de António Rama, Fátima Belo, Ivo Canelas, Maria Henrique, Marta Lapa, Paulo Pinto e São José Lapa, produção Escola de Mulheres, Teatro Nacional D. Maria II, Sala Garrett, Lisboa, estreia 6 Dezembro.

1998

Blue Heart (*Heart's Desire* e *Blue Kettle*), encenação de Max Stafford-Clark, co-produção Out of Joint e Royal Court Theatre, Lisboa, Porto e Coimbra, Maio.

1999

Três noites sem dormir (*Three More Sleepless Nights*, 1980), produção televisiva, tradução e realização de Luís Fonseca, direcção de Álvaro Correia e interpretação de Amadeu Neves, Ana Brandão, Ana Nave e Filipe Crawford, produção David & Golias, 1999, RTP2.

2002

Distante (*Far Away*, 2000), tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de João Cardoso, espaço cénico de João Cardoso e Nuno Meira, figurinos e chapéus de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Francisco Leal e interpretação de Alexandra Gabriel, Paulo Freixinho e Rosa Quiroga, com figuração, produção ASSÉDIO, Julho de 2002, Casa das Artes de Famalicão, Dezembro de 2002, Rivoli Teatro Municipal, G.A., estreia 11 Julho.

Sétimo Céu, Uma boca cheia de pássaros e *Distante*, tradução, organização e introdução de Paulo Eduardo Carvalho, Cadernos Dramat 10, Porto, Campo das Letras, 2002.



Sétimo céu



Uma boca cheia de pássaros

CARYL CHURCHILL: ESBOÇO BIBLIOGRÁFICO

1938

Caryl Churchill nasce em Londres, 3 Setembro. Passará grande parte da sua infância na capital inglesa, à excepção de um breve período, durante os anos da guerra, passado no Lake District.

1948

Ainda antes de completar dez anos, a família muda-se para o Canadá, fixando-se em Montreal, onde Churchill viverá até aos 17 anos.

1957-60

Anos de estudante, de Estudos Ingleses, no Lady Margaret Hall, em Oxford. Produções universitárias da peça em um acto *Downstairs* (1958), prémio do Sunday Times/National Union of Students Festival, e de *Having a Wonderful Time* (1960), Questors Theatre, Londres.

1961

Produções universitárias de *Easy Death*, Oxford Playhouse, e da peça para vozes *You've No Need to Be Frightened*, prémio Richard Hillary Memorial. Casamento com o advogado David Harter, 20 Maio.

1962

Emissão de *The Ants*, a sua primeira peça radiofónica profissional.

1963-69

Nascimento dos seus três filhos. Período passado em casa. Continua a escrever para a rádio: *Lovesick* (BBC Radio 3, 8 Abril 1967) e *Identical Twins* (1968).

1971

Abortive (BBC Radio 3, 4 Fevereiro) e *Not Not Not Not Not Enough Oxygen* (BBC Radio 3, 31 Março), peças radiofónicas.

1972

Schreber's Nervous Illness (BBC Radio 3, 25 Julho) e *Henry's Past*, peças radiofónicas. Escreve *The Hospital at the Time of the Revolution*, ainda não representada. Produção televisiva de *The Judge's Wife* (BBC 2, 2 Outubro). *Owners*, 6 Dezembro, a primeira produção teatral profissional, Royal Court Theatre, Londres, enc. Nicholas Wright. *Schreber's Nervous Illness*, King's Head Theatre, Londres.

1973

Perfect Happiness, peça radiofónica. Estreia novaiorquina de *Owners*.

1974

Produção televisiva de *Turkish Delight* (BBC). Primeira dramaturga residente do Royal Court Theatre (1974-75).

1975

Produção televisiva de *Save it for the Minister*, escrita em colaboração com Mary O'Malley e Cherry Potter (BBC). *Objections to Sex and Violence*, enc. John Tydeman, e *Moving Clocks Go Slow*, enc. John Ashford, prod. Royal Court Theatre. *Perfect Happiness*, Soho Poly, Londres.

1976

Light Shining in Buckinghamshire, Setembro, Traverse Theatre, Edimburgo, curta digressão e apresentação no Royal Court Theatre. Início da sua colaboração com o encenador Max Stafford-Clark e o Joint Stock Theatre Group. *Vinegar Tom*, 12 Outubro, Humberstone Theatre, Hull, curta digressão e apresentação no ICA e no Half Moon Theatre, Londres, enc. Pam Brighton, primeira colaboração com o Monstrous Regiment.

1977

Traps, Janeiro, Royal Court Theatre, enc. John Ashford. Colabora em *Floorshow*, um cabaré itinerante, criado por Bryony Lavery, Michelene Wandor e David Bradford, prod. Monstrous Regiment.

1978

Produção televisiva de *The After-Dinner Joke*, real. Colin Bucksey (BBC 1, 14 Fevereiro). Escreve *Seagulls*, ainda não representada.

1979

Cloud Nine (Sétimo céu), 14 Fevereiro, Darlington College of Arts, curta digressão e apresentação no Royal Court Theatre, enc. Max Stafford-Clark, prod. Joint Stock, prémio Obie em 1981. *The Legion Hall Bombing*, numa versão censurada, real. Roland Joffe (BBC).

1980

Three More Sleepless Nights (Três noites sem dormir), 9 Junho, Soho Poly e Royal Court Theatre, enc. Les Waters.

1981

Crimes, real. Stuart Burge (BBC). Estreia novai-orquina de *Cloud Nine*, Joseph Papp's Public Theatre.

1982

Top Girls, 28 Agosto, Royal Court Theatre, depois transferida para Nova Iorque, Joseph Papp's Public Theatre, enc. Max Stafford-Clark, prémios Obie e Susan Smith Blackburn.

1983

Fen, 20 Janeiro, Teatro da Universidade de Essex, Colchester, depois Almeida Theatre, Londres, e depois Nova Iorque, enc. Les Waters, prod. Joint Stock, prémio Susan Smith Blackburn.

1984

Softcops, 2 Janeiro, escrita originalmente em 1978, Barbican Pit, Londres, enc. Howard Davies, prod. Royal Shakespeare Company. Colaboração com Geraldine Pilgrim, Peter Brooks e John Ashford em *Midday Sun*, uma produção de "arte performativa", estreada no ICA, em Londres, experiência que traduz o seu interesse crescente por um teatro não baseado exclusivamente no texto. Prémios Hollywood Dramalogue Critics, por *Cloud Nine*, e Susan Smith Blackburn, por *Fen*.



Caryl Churchill

1985

Plays: One (Owners, Traps, Vinegar Tom, Light Shining in Buckinghamshire e Cloud Nine), London, Methuen.

1986

A Mouthful of Birds (Uma boca cheia de pássaros), 2 Setembro, Birmingham Repertory Theatre, depois Royal Court Theatre, escrita em colaboração com David Lan, enc. Les Waters e Ian Spink, coreógrafo, prod. Joint Stock.

1987

Serious Money, 21 Março, Royal Court Theatre, depois transferida para o Wyndham's, Londres, e para Nova Iorque, enc. Max Stafford-Clark, prémios Susan Smith Blackburn, Laurence Olivier/BBC e Evening Standard.

1988

Fugue, nova colaboração com Ian Spink, uma peça coreográfica (Channel 4). *The Caryl Churchill Omnibus*, um documentário da BBC sobre a dramaturga e os seus processos de trabalho.

1989

Icecream, 6 Abril, Royal Court Theatre, enc. Max Stafford-Clark. *Hot Fudge*, 11 Maio, Royal Court Theatre.

1990

Parte para a Roménia acompanhada de estudantes de teatro da Central School of Speech and Drama, de Londres. Escreve *Mad Forest*, “uma peça da Roménia”, estreada a 25 Junho na escola já referida, a 17 Setembro, no Teatro Nacional de Bucareste, e a 9 Outubro, no Royal Court Theatre, enc. Mark Wing-Davey. *Plays: Two (Softcops, Top Girls, Fen, Serious Money)*, London, Methuen; e *Shorts (Three More Sleepless Nights, Lovesick, The After-Dinner Joke, Abortive, Schreiber’s Nervous Illness, The Judge’s Wife, The Hospital at the Time of the Revolution, Hot Fudge, Not Not Not Not Not Enough Oxygen, Seagulls)*, London, Nick Hern Books.

1991

Lives of the Great Poisoners, 13 Fevereiro, em colaboração com Ian Spink e Orlando Gough, Arnolfini; digressão e apresentação nos Riverside Studios, Londres. *Top Girls*, BBC.

1994

The Skriker, 20 Janeiro, Cottesloe, National Theatre, Londres, enc. Les Waters. *Thyestes*, tradução de Séneca, 7 Junho, Royal Court Theatre, enc. James Macdonald.

1997

Hotel, 15 Abril, Schauspielhaus Hannover, nova colaboração com o coreógrafo Ian Spink e o músico Orlando Gough, prod. Second Stride. *This a Chair*, 25 Junho, Duke of York’s, enc. Stephen Daldry, prod. Royal Court Theatre. *Blue Heart (Heart’s Desire e Blue Kettle)*, 14 Agosto, Traverse Theatre, Edimburgo, enc. Max Stafford-Clark, co-prod. Out of Joint e Royal Court Theatre.

1998

Plays: Three (Icecream, Mad Forest, Thyestes, The Skriker, Lives of the Great Poisoners, A Mouthful of Birds), Londres, Nick Hern Books.

1999

Direcção da leitura encenada de *Our Late Night*, de Wallace Shawn, 1-9 Julho, Duke of York’s (Royal Court Theatre).

2000

Far Away (Distante), 23 Novembro, Royal Court Theatre, enc. Stephen Daldry.

2001

Far Away, 22 Janeiro, Théâtres des Bouffes du Nord, trad. Marie-Hélène Estienne e enc. Peter Brook.

2002

A Number (Um número), 23 Setembro, Royal Court Theatre, enc. Stephen Daldry, prémio *Evening Standard* para melhor peça do ano. “Caryl Churchill Events”, 1-12 Outubro, Royal Court Theatre: produções sem cenário de *This Is a Chair*, dir. Dominic Cooke e Ian Rickson, *Not Not Not Not Not Enough Oxygen*, dir. Ian Rickson, e *Identical Twins*, dir. Ian Cooke; e leituras encenadas de *Seagulls*, *Three More Sleepless Nights*, *Moving Clocks Go Slow e Owners*.

2004

A Dream Play, versão da peça de Strindberg, 7 Fevereiro, National Theatre, Londres, enc. Katie Mitchell.

ASSÉDIO: HISTORIAL

1998, 22 Outubro-11 Novembro Auditório Nacional Carlos Alberto, Porto

1999, 8-13 de Setembro CCB, Sala de Ensaio, Lisboa

O falcão (*Le faucon*, 1991), de Marie Laberge, tradução de Paulo Eduardo Carvalho e Pedro Feijó Cunha, encenação de João Cardoso, cenografia e figurinos de Cristina Costa, desenho de luz de Nuno Meira, interpretação de João Pedro Vaz, João Cardoso e Rosa Quiroga.

1999, 30 Junho-3 Julho Balleteatro Auditório, Porto

Sexto sentido, exercício teatral escrito a quatro mãos (Abel Neves, António Cabrita, Francisco Duarte Mangas e Regina Guimarães), direcção cénica de Fernando Mora Ramos e Nuno Cardoso, interpretação de Ângela Marques, João Cardoso, João Pedro Vaz, Paulo Moura Lopes, Rosa Quiroga e Rute Pimenta, uma iniciativa do DRAMAT/TNSJ, a pretexto de Almeida Garrett.



O Falcão



O fantástico Francis Hardy, curandeiro

1999, 22-29 Julho Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

1999, 1-6 Setembro Centro Cultural de Belém, Sala de Ensaio, Lisboa

2001, 25 Abril-3 Maio Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

Belo? (*Mooi*, 1995), de Gerardjan Rijnders, tradução de Maria Clarinda Moreira, encenação de João Cardoso, cenografia de Cristina Costa, figurinos de Manuela Ferreira, desenho de luz de Nuno Meira, interpretação de Anabela Fernandes, João Pedro Vaz e Rosa Quiroga, em co-produção com o Centro Cultural de Belém, a Culturporto e Porto 2001.

1999, 11-28 Novembro Auditório Nacional Carlos Alberto, Porto

2000, 11-14 Outubro Centro Cultural de Belém, P.A., Lisboa

Peça com repetições (*Play with Repeats*, 1989), de Martin Crimp, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de António Durães, cenografia de João Sotero, figurinos de Manuela Ferreira e Victor Gonçalves, desenho de luz de Nuno Meira, música de Pedro Trêpa, interpretação de João Cardoso, João Pedro Vaz, Paulo Moura Lopes, Rosa Quiroga e Rute Pimenta.



(A)tentados

2000, 21-22 Março Teatro Vila Velha, Salvador, Bahia, Brasil

2000, 28 Junho-9 Julho Teatro Nacional S. João, Porto

2001, 15-18 Março A Capital (Artistas Unidos), Lisboa

2001, 27 Março Teatro Académico de Gil Vicente, Coimbra

O fantástico Francis Hardy, curandeiro (Faith Healer, 1979), de Brian Friel, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação, cenografia e figurinos de Nuno Carinhas, desenho de luz de Nuno Meira, voz e elocução de Luís Madureira, interpretação de João Cardoso, Rosa Quiroga e João Pedro Vaz, em co-produção com o TNSJ.

2000, 25 Abril-13 Maio Teatro Vila Velha, Salvador, Bahia, Brasil

2000, 24-28 Maio Rivoli Teatro Municipal, G.A., Porto

2000, 1-10 Junho Teatro Garcia de Resende, Évora

2000, 16-17 Junho Teatro Viriato, Viseu

Supernova, de Abel Neves, encenação de Fernando Mora Ramos, cenografia de Márcio Meireles, música de Carlos Alberto Augusto, movimento de Paulo Ribeiro, colaboração dramática de Paulo Eduardo Carvalho, com Chica Carelli, Cristina Dantas, Fernando Fulco, Gordo Neto, Gustavo Melo, Isabel Bilou, João Cardoso, João Pedro Vaz, José Russo, Karina de Faria, Rosa Quiroga, uma iniciativa do Dramat/TNSJ, em co-produção com o CENDREV e o Teatro Vila Velha/Companhia de Teatro dos Novos, e a colaboração do CAEV de Viseu, da Cena Lusófona e da ASSÉDIO.

2000, 22-24 Setembro Rivoli Teatro Municipal, Porto

2000, 4-7 Outubro CCB, P.A., Lisboa

2000, 20-Outubro Teatro Sá de Miranda, Viana do Castelo

(A)tentados (Attempts on Her Life 1997), de Martin Crimp, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de João Pedro Vaz, cenografia de João Sotero e ASSÉDIO, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, com Cecília Fernandes, João Cardoso, João Pedro Vaz, Jorge Mota, Nicolau Pais, Rosa Quiroga e Susana Barbosa.

2001, 17-31 Maio Balleateatro Auditório, Porto

Três num baloiço (Tre sull'altalena, 1990), de Luigi Lunari, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de João Cardoso, cenografia de Fernando Afonso, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, interpretação de João Cardoso, João Pedro Vaz, Jorge Mota e Rosa Quiroga, em co-produção com a Porto 2001/ Capital Europeia da Cultura.

2001, 19 Maio 2001 Balleateatro Auditório, Porto

Apresentação de *Três num baloiço*, com a presença de Luigi Lunari, primeiro número da colecção "assédio édissao".

2001, 29 Junho-3 Julho Balleateatro Auditório, Porto

Dorme devagar, de João Tuna, encenação de Nicolau Pais, cenografia de Raul Constante Pereira, figurinos de Cristina Costa, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Francisco Leal, interpretação de João Pedro Vaz e Rute Pimenta, em co-produção com o TNSJ (no âmbito da Mostra de Dramaturgias Emergentes).

2001, 17-19 Julho Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

2001, 1 Outubro Teatro Académico de Gil Vicente, Coimbra

Doze nocturnos em teu nome, de Maria Gabriela Llansol (textos) e Amílcar Vasques Dias (música), interpretação ao piano de Álvaro Teixeira Lopes, voz e direcção cénica de João Pedro Vaz, direcção plástica de Cristina Costa, desenho de luz de Nuno Meira, com o apoio da Culturporto.

2001, 8-14 Julho Teatro do Campo Alegre, Porto

Tia Dan e Limão (Aunt Dan and Lemon, 1985), de Wallace Shawn, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de Nuno Carinhas, cenografia de Ana Vaz e Nuno Carinhas, figurinos de Cristina Costa e Nuno Carinhas, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Francisco Leal, interpretação de António Durães, Cecília Laranjeira, João Cardoso, Lúgia Roque, Rosa Quiroga, Rute Pimenta e Sérgio Praia. Publicação de *Tia Dan e Limão*, segundo número da colecção "assédio édissao".



Tia Dan e Limão



Cinza às cinzas



Distante

2002, 21 Fevereiro-10 Março A Capital (Teatro Paulo Claro), Lisboa

2002, 15-27 Março Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

Cinza às cinzas (*Ashes to Ashes*, 1996), de Harold Pinter, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação e interpretação de João Cardoso e Rosa Quiroga, cenografia de Cristina Costa, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Francisco Leal.

2002, 27 Março Rivoli Teatro Municipal, Porto

Leitura de *O Exame*, *Língua da Montanha* e *A Nova Ordem Mundial*, de Harold Pinter.

2002, 10-27 Outubro Teatro Nacional S. João, Porto

2003, 16-17 Janeiro Teatro Académico de Gil Vicente, Coimbra

O triunfo do amor (*Le triomphe de l'amour*, 1732), de Marivaux, tradução de Maria João Brilhante, encenação de João Pedro Vaz, cenografia de Nuno Carinhas, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, desenho de som e imagem vídeo de Francisco Leal, e interpretação de António Durães, Ivo Alexandre, João Cardoso, Paula Diogo, Rosa Quiroga, Rute Pimenta, Sérgio Praia, em co-produção com o TNSJ.

2002, 11-19 Julho Casa das Artes de Famalicão

2002, 19-21 Dezembro Rivoli Teatro Municipal, G.A., Porto

Distante (*Far Away*, 2000), de Caryl Churchill, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de João Cardoso, espaço cénico de João Cardoso e Nuno Meira, figurinos e chapéus de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Francisco Leal e interpretação de Alexandra Gabriel, Paulo Freixinho e Rosa Quiroga, c/ figuração.

2003, 12-18 Abril Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

2003, 12-15 Junho Maus Hábitos, Porto

2003, 7-9 Novembro Casa das Artes de Famalicão

2004, 20-21 Maio Bar do Teatro Académico de Gil Vicente, Coimbra

Rum e vodka (*Rum and Vodka*, 1992), de Conor McPherson, tradução de Graça Margarido, direcção de Rosa Quiroga, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Flávio Freitas, sonoplastia de Francisco Leal e interpretação de Paulo Freixinho.

2003, 15 e 26 Maio Biblioteca Almeida Garrett, Porto

Ah! Ruben, de Ruben A., direcção de António Durães, figurinos de Bernardo Monteiro, leitura de António Durães, João Cardoso e Rosa Quiroga, em co-produção com a Galeria do Palácio/Biblioteca Almeida Garrett.

2003, 9-13 Julho Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

2004, 2-4 Abril Espaço do Teatro Garagem, Lisboa

2004, 12-16 Maio Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto (no âmbito do ciclo Pontapé de Saída)

Uma noite em Novembro (*A Night in November*, 1994), de Marie Jones, tradução de Graça Margarido, direcção de João Pedro Vaz, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira e interpretação de João Cardoso.

2003, 9-18 Outubro Teatro Carlos Alberto, Porto

No campo (*The Country*, 2000), de Martin Crimp, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de João Cardoso, cenografia de Sissa Afonso e João Cardoso, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Francisco Leal e interpretação de Alexandra Gabriel, João Cardoso e Rosa Quiroga, em co-produção com o TNSJ/TeCA.

2003, 22-31 Outubro Teatro Carlos Alberto, Porto

(A)tentados (*Attempts on Her Life*, 1997), de Martin Crimp, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, nova encenação de João Pedro Vaz, cenografia de Sissa Afonso, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, som de Francisco Leal e interpretação de Ivo Alexandre, João Cardoso, Lígia Roque, Nicolau Pais, Paulo Freixinho, Rosa Quiroga e Rute Pimenta.

2003, 9-31 Outubro

ASSÉDIO X 5 anos, exposição de fotografias de cena dos espectáculos da ASSÉDIO e instalação vídeo de João Tuna.

2004, 11-21 Março Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

Billy e Christine (*Mustn't Forget High Noon e O Ananias, Azarias and Miseal*, 1989), de Jennifer Johnston, tradução de Teresa Casal, encenação de João Cardoso e Rosa Quiroga, cenografia de Sissa Afonso, figurinos de Bernardo Monteiro, vídeo de Alexandre Azinheira, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Miguel Ângelo e interpretação de João Cardoso e Rosa Quiroga.

2004, 15-26 Setembro Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

2005, 27 Janeiro Teatro Municipal de Bragança

Testemunha (*Vittne*, 1995), de Cecilia Parkert, tradução de Ana Diniz, encenação de João Cardoso, cenografia de Sissa Afonso, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, vídeo e sonoplastia de Alexandre Azinheira, interpretação de Rosa Quiroga.

2004, 27-30 Dezembro

2005, 2-9 Janeiro Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

Contra a parede (*Face to the Wall*, 2002) + *Menos emergências* (*Fewer Emergencies*, 2002), de Martin Crimp, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de João Cardoso, cenografia de Sissa Afonso, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, vídeo de Alexandre Azinheira, música e sonoplastia de Francisco Leal, interpretação de Lígia Roque, Paulo Freixinho e Rosa Quiroga.

2005, 12-20 Março Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

Ossário (*Crestfall*, 2003), de Mark O'Rowe, tradução de Francisco Luís Parreira, encenação de João Cardoso, cenografia de Sissa Afonso, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Margarida Alves, sonoplastia de Francisco Leal, interpretação de Alexandra Gabriel, Isabel Queirós e Rosa Quiroga.

PROGRAMAÇÃO ASSÉDIO 2005

Contra a parede + Menos emergências de Martin Crimp

Tradução Paulo Eduardo Carvalho **Encenação** João Cardoso
De 2 a 9 de Janeiro, Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

Testemunha de Cecilia Parkert

Tradução Ana Diniz **Encenação** João Cardoso
27 de Janeiro, Teatro Municipal de Bragança

Ossário de Mark O'Rowe

Tradução Francisco Luís Parreira **Encenação** João Cardoso
De 12 a 20 de Março, Rivoli Teatro Municipal, P.A., Porto

Um número de Caryl Churchill

Tradução Paulo Eduardo Carvalho **Encenação** João Pedro Vaz
De 19 a 25 de Maio, Culturgest, P.A., Lisboa
Junho, Julho e Dezembro, Porto

Tio Vânia de Tchekov

Tradução António Pescada **Encenação** Nuno Carinhas
co-produção com Ensemble e TNSJ
Novembro, Porto

ASSÉDIO

Rua Nova da Alfândega, nº 7, esc. 202, 4050-430 Porto

Tel: 22 338 98 77

Fax: 22 338 90 37

e-mail: assedio@sapo.pt

url: www.assedioteatro.com.pt



Companhia subsidiada por

M|C
MINISTÉRIO DA CULTURA

ia Instituto das Artes

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

FADO 3 DE JUNHO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h10

Apenas o Amor

Aldina Duarte

O seu maior mistério é a definição da sua Alma Fadista, revelada numa voz inteligente, por um timbre raro e influente, na organicidade do som das palavras, sílaba a sílaba, nota a nota... Entre os poemas cantados, a maioria são da autoria de Aldina Duarte, todos eles poemas originais nas músicas do Fado Tradicional de Lisboa.

Em concerto, a sua personalidade manifesta-se inteira na sua capacidade interpretativa, e assim tudo na sua arte se torna imediatamente original com uma simplicidade chocante... Aldina Duarte acredita e faz-nos acreditar.

É com os músicos com quem gravou o primeiro CD *Apenas o Amor* que se faz acompanhar esta noite: José Manuel Neto (guitarra portuguesa) e Carlos Manuel Proença (viola).

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz

Vice-Presidente Miguel Lobo Antunes

Vogal Luís dos Santos Ferro

Assessores

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Exposições

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Fonseca (estagiária)

Publicações

Marta Cardoso

Patrícia Santos

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Américo Firmino

Paulo Abrantes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

Técnicos Auxiliares

Tiago Bernardo

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Culturgest, uma casa do mundo.

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt

